

Brasil Econômico

www.brasileconomico.com.br
mobile.brasileconomico.com.br



Arnaud Fraissignes, diretor-geral da Phytorestore do Brasil: sonho de ajudar na despoluição do rio Tietê

Phytorestore despolui esgoto com jardins

Centro do HSBC inaugura técnica francesa para tratamento de água e lodo

Martha San Juan França
mfranca@brasileconomico.com.br

A empresa francesa Phytorestore, detentora da patente dos jardins filtrantes, desembarcou no Brasil no ano passado trazendo na bagagem a experiência de gestão da água dos esgotos de um bairro de Wuhan e da limpeza de três rios na China; além da melhoria da qualidade da água do rio Sena em Nanterre e do tratamento de efluentes do centro logístico da Louis Vuitton e da L'Oréal, entre outros.

Aqui, a filial, única do grupo francês, deve inaugurar na semana que vem o seu primeiro grande projeto: os jardins filtrantes dos efluentes sanitários do centro de treinamento do HSBC em Curitiba. E acaba de assinar contrato com a Paranapanema, para fazer o tratamento do esgoto da fábrica da companhia no polo petroquímico de Camaçari. Prepara-se também para criar uma biofazenda, que recebe efluentes de terceiros, provavelmente em São Paulo.

A biofazenda será uma espécie de vitrine da tecnologia, mais conhecida na Europa. No local, qualquer empresa poderá levar seus resíduos para serem



Fotos: divulgação

Exemplo chinês

Tratamento pode ser usado em cidade de 10 mil habitantes

O tratamento de esgotos de uma cidade de 10 mil habitantes por meio de jardins filtrantes fica em torno de R\$ 2 milhões, segundo a Phytorestore, e dura cerca de dez anos com acompanhamento apenas de jardineiros treinados. Um exemplo é o centro de pesquisas da L'Oréal em Xangai.

tratados. Isso já existe na França, onde se pode pagar pelo tratamento de dezenas de efluentes, como lodo e óleo de cozinha. Ele também deve abrigar um centro de desenvolvimento de seleção e viveiro de plantas.

Adaptação

Segundo o diretor-geral da empresa, Arnaud Fraissignes, o tratamento por jardins filtrantes custa 20% menos do que os processos convencionais e acrescenta um tratamento paisagístico ao ambiente. No caso brasileiro, utiliza plantas aquáticas e semiaquáticas da Mata Atlântica.

Os resíduos são tratados por meio de uma sequência de jardins que promovem a despoluição e descontaminação dos materiais por etapas. "Na verdade, são as bactérias nas raízes das plantas que fazem o trabalho", diz Fraissigner.

No final do processo, resta a água tratada, que poderá ser usada em irrigação e outras finalidades. Fraissignes sonha com um projeto piloto para despoluir parte das águas do Tietê e Pinheiros. "Nossos jardins poderiam receber material proveniente do lodo, que voltaria tratado para os rios", diz. ■